



TRADUÇÃO – TEXTO CLÁSSICO

ELEMENTOS PARA UMA CRÍTICA A HUSSERL

EUGEN FINK (1940)

Apresentação¹

O manuscrito original deste texto ainda inédito² se encontra no acervo do *Arquivo-Fink*, o qual faz parte do *Arquivo Central da Universidade de Freiburg im Breisgau*, e consiste em 20 páginas escritas a máquina (com algumas correções a mão, com caneta preta), coletadas em um envelope com a inscrição: “*Elementos para uma crítica a Husserl (primavera de 1940)*”. A numeração das teses (sendo ao todo cinquenta e cinco) foi feita pelo próprio Fink. Como consta já nas primeiras linhas do manuscrito, elas foram formuladas originalmente nos primeiros meses do ano de 1940, a partir de várias anotações preparatórias para um trabalho mais amplo, o qual seria intitulado *Tratado sobre a pesquisa fenomenológica*. O manuscrito referente a esse trabalho, no entanto, foi perdido em função da eclosão da Segunda Grande Guerra, e somente algumas anotações e esboços, reproduzidos nas primeiras cinco páginas do texto que ora se apresenta ao leitor brasileiro, puderam ser conservados. O *Tratado* – como Fink se referia ao trabalho dedicado à pesquisa fenomenológica – traria, por um lado, o resultado mais abrangente do profundo e ao mesmo tempo atribulado confronto crítico com a herança da fenomenologia husserliana após a morte do Husserl (em 1938) e, por outro, a realização concreta daquela exigência filosófica fundamental, expressa com clareza na tese Nr. 3: “a recondução da pesquisa fenomenológica à filosofia”. O *Tratado* representaria, portanto, um dos primeiros projetos filosóficos autônomos de Fink, então desobrigado do vínculo de colaboração com Husserl e, nesse sentido, de um inevitável comprometimento com os planos deste para a fenomenologia. Embora o trabalho de colaboração com Husserl tenha sempre permitido a Fink certo espaço para sua própria contribuição, é inegável que o peso e a influência de Husserl exerceram, ao mesmo tempo, um efeito limitante e restritivo sobre o jovem Fink.

No *Tratado*, portanto, Fink questionara duramente aquilo que, segundo ele, seria “o problema fundamental” da fenomenologia husserliana, qual seja, a limitação do método à mera “descrição que se refere ao ente, feita com determinados preconceitos em relação à natureza do conceito” (Nr. 7), os quais se concretizavam na “representação de uma descrição imediata” daquilo que o ente é enquanto *datum*, enquanto dado para a consciência e para a subjetividade. Perante a alegada cegueira da fenomenologia husserliana em lançar-se à mera “descrição sem projeção, sem posição [*Setzung*] do conceito”, Fink reivindicava a necessidade de expandir a análise fenomenológica, fundada na intuição, às próprias condições de possibilidade do pensamento especulativo. Mas isso, por sua vez, só poderia ser pensado a partir das ferramentas interiorizadas e elaboradas intensamente durante os anos de aprendizagem na “oficina fenomenológica” (cf. Fink, 2006; 2008) junto a Husserl, e por meio de uma *radicalização das bases da fenomenologia*, de modo a reivindicar “uma forma mais radical de redução como *desideratum*: exame das fundações [*Setzungen*] erguidas sobre os conceitos que iluminam de modo originário” (Nr. 10). Entre 1940 e 1945 o *Tratado* foi aos poucos se desenvolvendo e adquirindo a forma de uma obra inteiramente nova – *A experiência ontológica* –, que representaria um importante distanciamento do projeto fenomenológico de Fink em relação ao projeto husserliano, uma vez que ela estaria fundamentalmente baseada sobre severas críticas aos limites da fenomenologia de Husserl, segundo as quais esta não teria condições de sustentar “nenhuma ligação autêntica com a metafísica (no sentido da “projeção ontológica”) e com a história da metafísica” (Nr. 26). Essa crítica foi posteriormente revisitada e em grande medida

1 Apresentação e tradução do alemão por Anna Luiza Coli, José Fernandes Weber e Giovanni Jan Giubilato.

2 A publicação desses materiais está prevista para o volume 3.4 das *Obras Completas (Eugen Fink Gesamtausgabe – EFGA): Phänomenologische Werkstatt*, Bd. 3, Volume 4. (N.T.)



moderada no momento em que Fink reconhece o papel fundamental desempenhado pela fenomenologia husserliana no contexto mais amplo do desenvolvimento histórico da “filosofia da reflexão” e da “metafísica da subjetividade” (cf. Fink, 1992). Essa moderação, todavia, não abriu mão de uma postura crítica em relação aos fundamentos implícitos da fenomenologia e de uma problematização da já polêmica relação entre fenomenologia e filosofia.

No trabalho que levaria o título *A experiência ontológica*, Fink confrontava-se com os legados metafísicos não apenas de Husserl e Heidegger, mas sobretudo de Kant, Hegel e Nietzsche. As implicações e os desdobramentos da crítica à tradição metafísica tal como empreendida por Fink a partir do conceito de experiência ontológica estender-se-ão à totalidade de sua obra posterior. Destaca-se, nesse contexto, a preocupação em questionar abertamente os fundamentos da compreensão que a metafísica tradicional tem dos conceitos de “mundo” e “ser”: a encruzilhada parmenídica que opôs o ser ao não-ser teria condenado toda a ontologia ocidental a um “esquecimento do mundo” (cf. Fink, 1957). Esse trabalho traria consigo *in nuce* uma espécie de imperativo filosófico, de forte inspiração hegeliana, e que guiou o pensamento de Fink até sua morte em 1975, qual seja, o imperativo do trabalho radical sobre o conceito, mais especificamente, o trabalho sobre os “conceitos ontológicos que iluminam de modo originário” [*urlichtende Begriffe*]:

A hypothesis como projeção [*Entwurf*] da constituição estrutural do ente enquanto tal deve ser problematizada em sua mais íntima possibilidade. Quando essa projeção se realiza de modo verdadeiramente criador, ela é uma *experiência sobre o ser*, ou seja, uma *experiência a priori* que, portanto, precede e antecipa toda experiência empírica. Esta experiência criadora e a priori, na medida em que é *projeção variável da compreensão do ser*, é o acontecimento essencial na filosofia. No entanto, para adentrar na dimensão da “experiência ontológica”, para examinar o movimento do “modelo” do ente e da verdade e trazê-los à luz, é necessário elaborar a reflexão [*Besinnung*] que a possibilita.³

A filosofia se define, assim, como a preparação para uma reflexão [*Besinnung*] capaz de inaugurar a dimensão de uma “experiência criadora e a priori” a qual, “enquanto *projeção variável da compreensão do ser*”, seria o “acontecimento essencial” do pensamento. As implicações pedagógicas, teóricas e histórico-filosóficas dessa concepção foram objeto de várias vertentes da investigação finkiana no período do pós-guerra.

Do trabalho sobre *A experiência ontológica*, infelizmente inconcluso e incompleto, foi conservado um grande volume de anotações e esboços no *Arquivo-Fink*, os quais serão publicados em breve nos volumes 3/3 e 3/4 das *Obras Completas (EFGA)*. Apesar de incompleto, o projeto d’*A experiência ontológica* serviu de base para diversos outros trabalhos de Fink, que conservam uma relação próxima e às vezes mesmo imediata com suas ideias principais. Dentre eles podemos citar: 1) a conferência *Sobre o problema da experiência ontológica* apresentada no *Primeiro Congresso Nacional de Filosofia de Mendoza*, Argentina, realizado entre os meses de março e abril de 1949 (cf. Fink, 2020); 2) as lições do semestre de 1951/52, publicadas postumamente com o título *Sein und Mensch: Vom Wesen der ontologischen Erfahrung*⁴ (cf. Fink, 1977); e 3) os lições do semestre 1946/47, publicadas postumamente com o título *Philosophie des Geistes*⁵ (cf. Fink, 1994).

* * *

ELEMENTOS PARA UMA CRÍTICA A HUSSERL (1940) Eugen Fink

Anotações da época da redação do *Tratado sobre a pesquisa fenomenológica*, primavera 1940. O manuscrito, semiacabado, foi perdido devido aos eventos da guerra.

1. Em Husserl, a consciência humana não é considerada em sua diversidade específica em relação aos animais e a outras coisas (como espíritos puros ou Deus); de fato, a essência da consciência humana não é a direcionalidade, a relação intencional, visto que esta está presente em todas as formas de consciência; a consciência humana é a conduta de um si mesmo, ou seja, é um relacionar-se ao próprio ser no ente, ou seja, uma conduta específica em relação ao ser dos objetos intencionais.

2. A exigência sóbrio-patética da fenomenologia de Husserl: “o trabalho efetivo e braçal”, “a resolução de problemas em estudos laboriosos”, etc. - nada disso vale um vintém em termos filosóficos. O suor do trabalho ainda não é um argumento. O pathos trabalhista de Husserl também corresponde a um lado do estilo anti-especulativo de seu pensamento.

³ Fragmento inédito: Z-XXIX, 286a (proximamente em EFGA 3/4).

⁴ *Ser e humano: da essência da experiência ontológica*, em tradução livre.

⁵ *Filosofia do Espírito*, em tradução livre.



3. A recondução da pesquisa fenomenológica à filosofia (minha exigência!); o antagonismo entre especulação e análise só pode ser fecundo caso o conceito especulativo inaugure a condição de possibilidade da compreensão analítica.

4. A concepção husserliana do estilo descritivo-analítico é determinada por seu preconceito a respeito da tradição especulativa da filosofia (especulativo = formal = abstrato = primazia do conceito = distância da intuição!).

5. O *milieu* intelectual de Husserl: positivismo, psicologismo, ciências naturais. Do positivismo, Husserl herda a postura antimetafísica, anti-especulativa e o ídolo da doação; do psicologismo, a ideia de intencionalidade; da cultura das ciências naturais, a ideia orientadora formal de uma filosofia como ciência rigorosa. É a atmosfera do final do século XIX (visão de mundo científica sem metafísica, psicologia dos fatos da consciência, culto positivista dos fatos); três nomes: Mach - Brentano - Weierstrass!

6. Descrição como postura é o estar-aberto ao ente na sua plenitude; mas este estar-aberto deve ser proveniente de um abrir-se, de um vínculo consigo mesmo da liberdade humana - e não, como em Husserl, na forma de um vínculo que não se origina numa projeção, mas que está vinculado a certa ideia do “dado”.

7. O método de Husserl é, antes de mais nada, “descrição” que se refere ao ente, feita com determinados preconceitos em relação à natureza do conceito e da linguagem na representação de uma descrição imediata; do lado do conhecimento ele [o método de Husserl] é “análise”: diferenciação infinitesimal e desenvolvimento do conhecimento do ente dado.

Descrição sem projeção, sem posição [*Setzung*] do conceito do que é dado, é positivismo cego em relação ao conceito; análise sem referência ao pensamento especulativo, que apenas desdobra um dado conhecimento ilimitadamente, é lorota, conversa fiada.

8. A fenomenologia de Husserl está muito longe da arte; não é por acaso que Husserl não colocou questões filosóficas sobre a arte.

9. Disposição para o *Tratado sobre a pesquisa fenomenológica*: A. Descrição e análise; B. Ideação e conhecimento de essência; C. Intuição e conceito; D. Objeto e ente.

10. A filosofia pretende questionar as “obviedades”. Pode haver, no entanto, alguma certeza de que as obviedades possam “valer” enquanto tais? Ou será se trata de obviedades poderosas, eficientes e importantes precisamente no modo (método) de investigar essas obviedades e colocá-las em questão? Uma tarefa: exame das pressuposições dos métodos que têm por objetivo a “ausência de pressuposições”, por exemplo, exame do método da redução fenomenológica. No caso de Husserl: algumas obviedades são fixadas em uma metodologia que, em si mesma, não é transparente quanto aos seus principais preconceitos e pressuposições.

Uma forma mais radical de redução como *desideratum*: exame das posições [*Setzungen*] que se realizam nos conceitos originariamente alumiantes, que iluminam de modo originário.

11. Não seria o método da *epoché*, da abstenção da crença no ser, correto e importante apenas na medida em que nós mesmos somos o ente sumamente existente? E no entanto, se esta pressuposição não se aplica, e nosso ser é, enquanto tal, o ser que se dirige ao ente sumamente existente (de uma relação de anseio impossibilitante), então, afinal, a *epoché* seria ela própria o impedimento de qualquer proximidade ao ente-autêntico, seria o arruinamento dentro de nós mesmos.

12. O conceito de “pesquisa fenomenológica” é muitas vezes usado de maneira vaga nos escritos contemporâneos. Faz-se necessária uma delimitação diante desses conceitos vagos: a. diante da equiparação com a captação descritiva e a sinalização do dado em geral; b. diante da postura morfológica das ciências naturais descritivas; c. diante da cautela do compreender (do apreender de algo dado como...); d. diante da “orientação pré-científica em relação à plenitude fenomênica do mundo da vida”; e. diante da concepção de que a pesquisa fenomenológica seria neutra em relação às perspectivas filosóficas, as quais, por sua vez, seriam interpretações de um material puramente factual e intersubjetivamente verificável (cf. Nicolai Hartmann); diante da interpretação da pesquisa fenomenológica como uma propedêutica pré-filosófica da filosofia; f. diante da interpretação da fenomenologia como se ela fosse um método a ser separado de todas as filosofias individualmente determinadas, uma espécie de instrumento de pesquisa intersubjetiva.

13. A abertura à coisa, a objetividade da fenomenologia, é, quando muito, a libertação catártica do “aprisionamento”, a superação do “interesse” humano pelas coisas. O perigo específico desta orientação:



o perder-se na coisa dada, ou seja: a paralisação da projeção catártica, a solidificação da “coisidade” num dogmatismo. Somente o pôr, a posição [*Setzung*] da coisidade das coisas, a projeção do modelo ontológico, possibilita uma orientação puramente-coisal que seja igualmente filosófica.

14. No *Tratado*, a fenomenologia de Husserl deve ser criticada em sua nova abordagem a-histórica, em sua falta de referência à antiguidade, em sua recusa da especulação, em sua omissão diante de uma projeção prévia da ideia da filosofia, em sua projeção dogmática de um método, em sua concepção balizadora da ciência rigorosa e no entrave para si mesmo representado pelas próprias exigências programáticas.

15. Descrição e análise! Qual é a principal? A descrição exige a análise ou vice versa? Em primeiro lugar, descrição = captação do que jaz diante de nós de modo ainda não interpretativo, sem antecipação compreensiva, sem preconceito: cautela das tendências interpretativas e explicativas! Análise = decomposição do que jaz diante de nós, ou seja, sem tomá-lo tal como ele se dá em seu reino de doação, mas enquanto penetração e desdobramento de um reino implícito oculto; o conhecimento da coisa é novamente transformado no processo cognitivo, que deve sempre permanecer desperto diante da multiplicidade das suas diferenças e fases; portanto, uma contraposição à tendência natural da vida de simplificar e esquecer, uma dissolução infinita da consciência.

A análise provavelmente só é possível sob uma forma descritiva, ou seja, na forma de conceitos por princípio retrospectivos. A descrição, no entanto, não equivale necessariamente à análise, visto que a descrição poderia ser apenas um inventário muito ingênuo e, assim, permanecer no terreno do entendimento comum.

16. Pressupostos ocultos da teoria de Husserl oriundos do mundo científico como um mundo de “símbolos e fórmulas substituídas”:⁶ a. fórmulas e símbolos que, em sua aplicação e origem, são relativos ao mundo da vida e estão relacionados às coisas sensoriais verdadeiramente reais, enquanto que as construções métrico-matemáticas seriam apenas abreviações de processos cognitivos sobre aquelas mesmas coisas sensoriais. Nesta tese Husserl faz um uso dileitante de distinções conceituais: em primeiro lugar, a relação entre o que é “meramente pensado” e o que é “real” não é determinada muito além do estado de irreflexão típico do senso comum; em segundo lugar, a relação entre “vivência” e “realidade” é considerada a partir de uma perspectiva completamente vulgar na medida em ao sensorial, ao que é palpável, concede-se valores de vivência superiores em relação aos objetos acessíveis apenas pelo pensamento. Pensar então não é vivenciar? E, além disso, estaria o vivenciar em geral limitado à vivência do que é meramente sensorial mesmo na esfera irrefletida do senso comum? A realidade imediata, vivida sem um esforço do pensamento, não seria também uma realidade já repleta de significatividade histórica, ou seja, não seria religiosa a um mundo que, para além do sensível, apresenta uma riqueza de caracteres mágicos, míticos, religiosos, morais, etc.? Mundo este que é a cada vez diferente, de acordo com a situação histórica, e que se distingue também enquanto mundo cotidiano de um povo, ou como o mundo de sua comoção, de seus grandes momentos históricos, de seu mundo poético, do mundo da proximidade ou da distância dos deuses?

17. A metodologia da pesquisa fenomenológica surgiu inicialmente do raciocínio de um “senso comum saudável” diante da diversidade dos filosofemas, um começo, portanto, localizado na atitude pré-filosófica da vida, a qual ingenuamente se julga justificada como atitude renovadora da filosofia. Husserl se encontra numa luta constante e duradoura contra esta ingenuidade; a investigação fenomenológica desenvolve seus princípios numa situação que de início não se relaciona com as filosofias antiga e moderna; ela parte, portanto, de um fundamento endurecido de preconceitos que são não apenas não-filosóficos, mas até mesmo antifilosóficos. O verdadeiro filosofar de Husserl teve que se realizar continuamente contra o obstáculo de um método preconcebido, todavia estabelecido por ele mesmo – numa constante transformação radicalizadora e numa constante reinterpretação do sentido do seu programa metodológico. O objetivo de sua “ciência rigorosa”, que consistia inicialmente em adotar o modelo metodológico da matemática, foi sendo cada vez mais invertido no decurso do desenvolvimento filosófico de Husserl, até o que o estilo metodológico das modalidades de conhecimentos matemático-lógico-físicas foi posto em questão.

18. A entediante descrição de tudo o que vem à boca que conversa fiado ou à caneta ágil de um “psicólogo da consciência” – só se ousaria considerar tais exercícios de estilo como filosofia numa época em que o sentido da verdadeira essência da filosofia tivesse desaparecido.

19. Husserl teria chegado a uma descoberta analítico-descritiva de “pressuposições” e “preconceitos” – ou todo reconhecimento de algo dessa ordem seria, em princípio, diferente de uma análise descritiva (e, afinal, um movimento de conceitos, uma “experiência” no sentido de Hegel)? E se o preconceito só pode ser reconhecido como tal ao dele se desvencilhar, ao escapar ao seu poder, ao defender-se do aprisionamento nele, isso não significaria, por sua vez, uma radicalização do conceito de “preconceito” diante dos preconceitos facilmente caracterizáveis?

⁶ Cf. p. ex. Husserl, 2012, p. 17, 38, 41. (N.T.)



20. É possível que a descrição se faça, em geral, de uma forma confiável e válida, sem que o modelo ontológico do ente enquanto objeto da descrição já tenha sido estabelecido?

21. A exigência de um estilo analítico para a filosofia diz respeito à exigência de uma consciência de simultaneidade infinitesimal, uma espécie de onisciência finita, uma atualidade permanente da cognição, primazia da cognição [*Erkennen*] sobre o saber [*Wissen*].

Análise = o saber *in statu nascendi*, apresentação constante (anti-especulativa e anticonceitual).

O papel da “nuance” é fundamental na análise! Seria isso uma sensibilidade para o rigor do conceito ou exatamente o contrário?

A cunhagem específica de Husserl: análise como análise de sentido, ou seja, como elaboração e exposição do intencionado conjuntamente, i.e., como análise intencional.

A decisão de Husserl pela análise é a decisão por uma extensão insondável das descrições: o que se vive habitualmente deve ser então vivido de modo a fixar a vivência explicitamente em uma interiorização introspectiva da vida, mantendo o sentido aguçado às diferenças mais sutis.

22. Somente a mais baixa pobreza de pensamento pode opor a orientação teórica como contemplação à vida ativa! Seria a *theoria* uma indiferença existencial ou uma ação da liberdade humana, na qual o ser humano se vincula ao ente mesmo?

23. Seria a análise fenomenológica algo mais do que uma “clarificação” analítica? Ou seja, seria ela apenas uma evidência da clareza?

24. É uma ingenuidade acreditar que bastaria ficar em silêncio, manter-se presente a si mesmo, apenas ouvir e olhar e, de fato, não fazer nada, para chegar à atitude teórica; ao contrário: trata-se de uma ação da liberdade, de um libertar-se para a face silenciosa e eterna das coisas, para o seu ser infinitamente simples. Em geral, estamos sempre atordoados pelo ruído que fazemos e no qual estamos envolvidos, enxergamos com olhos ávidos de utilidade na pressa das nossas necessidades e dos interesses volúveis. A “falta de interesse” seria apenas um afastamento dos interesses comuns e ordinários; mas a teoria é infinitamente superior, ainda que pensada como mera descrição!

25. A exigência programática de Husserl por uma ciência rigorosa é um postulado extrafilosófico – que permanece igualmente fora da filosofia que lhe é verdadeiramente própria.

O curioso da abordagem da fenomenologia é que ela começa com preconceitos maciços acerca da natureza da filosofia e, no entanto, deve ser-lhes infiel precisamente na tentativa de realizar seu programa. Como exemplo, podemos citar a “filosofia do trabalho” não-sistemática, exigida por Husserl em seu programa, e que ao longo do tempo se transforma em um “sistema” sempre mais constituído, ou ainda a proclamação de Husserl acerca da “instância” [*Instanz*] do que nos é dado, retomada na concepção de uma “fenomenologia genética”, e que todavia trabalha de modo extraordinário com construções.

26. Em momento algum a fenomenologia de Husserl realiza um confronto com a tradição filosófica (com exceção de sua interpretação de Descartes e dos empiristas ingleses); sua “interpretação” da filosofia antiga como uma regressão à “ciência” (no sentido moderno, não-metafísico), como por exemplo as ideias de Platão como abordagem de um ser em si físico-metafísico das coisas: ou seja, uma evidente má interpretação!

A fenomenologia de Husserl não tem nenhuma ligação autêntica com a metafísica (no sentido da “projeção ontológica”) nem com a história da metafísica; contudo, ela não diz respeito apenas a uma rejeição da metafísica, mas a uma má interpretação.

27. Deve-se atentar expressamente ao modo como Husserl, nas sucessivas transformações de seus princípios orientadores, não procede segundo o princípio orientador previamente estabelecido, mas o modifica no aprofundamento de seu filosofar. Nessas transformações estão os começos autênticos e as verdadeiras vertentes da fenomenologia de Husserl: nelas reside a contradição tácita entre o Husserl que se deixa levar por seu filosofar, e o seu “programa” previamente estabelecido. Assim, por exemplo, o pensamento segundo uma rigorosa ausência de preconceitos não implica ainda a tese do “ser do mundo” como um “preconceito”. Decisivo aqui é a descoberta dos preconceitos, é reconhecê-los enquanto tais antes que eles sejam entregues ao método da *epoché*. *Expôr* a obviedade do óbvio é, por isso mesmo, um ato fundamental da filosofia; geralmente o óbvio não pode ser questionado justamente em função da sua obviedade.

Na medida em que estabelece como “pressuposição” o que normalmente não é considerado como uma pressuposição ou como um preconceito, Husserl justamente transforma tanto a noção de “ausência de pressuposições” quanto a de “ausência de preconceitos”. Para dizer de outro modo: ao considerar preconceito e pressuposição a partir de uma perspectiva filosófica, Husserl radicaliza o princípio orientador num sentido inusitado. Por exemplo, para entender o procedimento de Husserl a partir das exigências



explícitas do seu método, não devemos partir do sentido conhecido de preconceito ou de ausência de preconceitos, mas precisamente o contrário: a definição dada por Husserl de algo como preconceito é o elemento decisivo que dá ao método da “ausência de preconceitos” o seu sentido filosófico.

Mas a questão então é a seguinte: por meio de qual método o preconceito pode ser encontrado, descoberto e reconhecido enquanto tal? Seria este método de descoberta igualmente uma “descrição sem preconceitos”? Evidentemente não.

Além disso, quais seriam as pressuposições tácitas do método husserliano, exercitado de forma não-temática, para a descoberta filosófica de “preconceitos”?

Deve-se portanto distinguir entre: a. o método proclamado por Husserl *antes* da filosofia; b. a transformação, na filosofia de Husserl, do método proclamado (através de um método não aclarado metodologicamente e portanto não-temático de descoberta de algo como um preconceito, o qual todavia não se situa no horizonte ordinário dos preconceitos possíveis); c. as pressuposições tácitas implícitas ao agora igualmente radicalizado método husserliano da *epoché* a respeito dos preconceitos, como a concepção de uma “autodoação” originária. Talvez a noção de tal ausência de preconceitos seja ela mesma já um preconceito!

28. A atitude filosófica está longe tanto de uma crença dogmática quanto de um ceticismo que desfruta de sua ingenuidade.

29. Husserl não supera a aparição [*Erscheinung*]; ele tenta, antes, regressar à imediaticidade [*Unmittelbarkeit*] e reabilitá-la.

30. A tendência de Husserl à imediaticidade da vida, à superação da primazia do ser coisal, à dissolução do ser fixado em formação vital, ou seja, sua tendência contrária ao “naturalismo”: em tudo isso, porém, o subjetivo não é tomado como liberdade, mas como “constituição intencional do mundo”. A tendência à vida como tendência à captação da vida vivida, a qual é, em geral, a pressuposição ôntica para o trato com as coisas.

31. Husserl absolutiza a aparição, fixa-a como absoluta, elimina o ente em-si, cancela a transcendência do além-do-humano (do *theion*) e estabelece a subjetividade finita como absoluta.

32. A filosofia de Husserl não conhece a *metaphysica generalis*, ou seja, a teoria dos conceitos que ilumina de modo originário. A filosofia de Husserl pertence à tendência moderna da expulsão do ente-autêntico do âmbito do questionamento humano, pertence, portanto, à situação do orgulho do ser humano de si mesmo enquanto “sujeito cultural autônomo”.

33. Questão fundamental: Husserl analisa uma determinada revelação do ente – ou ele procura primeiro pelo ente autêntico? Filosofia corresponde à fenomenologia exatamente na medida em que nesta o procurar se conserva vivo, mesmo que em sua forma mais oculta.

34. É mais fácil discutir os “métodos” explícitos de uma filosofia do que as orientações e as posturas fundamentais que estão, de certo modo, ainda pendentes e que ainda não foram condensadas num método e que formam, por assim dizer, a atmosfera de um filosofema, daquele conjunto quase incompreensível de pressupostos tácitos.

35. Em relação à orientação coisal da fenomenologia: ser “coisal” sem ter estabelecido o que é a “coisidade” da coisa é tão errado quanto julgar sobre o conhecimento antes de que este se tenha constituído na própria coisa.

36. A postura anti-especulativa de Husserl como uma fuga do conceito, uma fuga do geral em direção à “concretização” mais diferenciada. Mas a oposição geral-particular não é algo que corresponda verdadeiramente à distinção entre analítico e especulativo.

37. Ao esforçar-se em permanecer fiel ao seu “programa metódico” preestabelecido, a fenomenologia de Husserl mantém-se abaixo do seu verdadeiro nível filosófico.

38. A lógica pensada como “ontologia formal” (que, na realidade, tampouco é uma ontologia, mas uma teoria formal dos objetos) ocupa, em Husserl, o vazio da metafísica tradicional em seu trabalho.

39. Em sua interpretação, Husserl desnatura a filosofia antiga como “ciência”, a ideia platônica como “idealização”.



40. Por que, nas *Ideias*,⁷ Husserl insere um capítulo sobre o fato e a essência antes de iniciar a orientação natural e a redução? Por motivos sistemáticos, que ele mesmo não ressalta: dentro da orientação natural e do objetivismo fundamental que a caracteriza temos primeiramente o objetivismo das ciências, que se documenta, de forma exemplar, na matemática e na lógica (ciências de essências por excelência).

41. A orientação da imediaticidade não sabe do seu ser-imediatado, e se considera absoluta; é uma tarefa fundamental da filosofia a de reconhecer e determinar a imediaticidade como tal e, assim, conduzir a existência nela aprisionada para fora dela e deixá-la refletir em si mesma. A postura imediata em relação ao mundo é (numa perspectiva filosófica) a estagnação da compreensão do ser, uma paralisação da “experiência ontológica”.

42. A filosofia de Husserl começa como uma crítica ao psicologismo (Brentano), ao positivismo (Mach, Avenarius) e ao cientismo (Weierstrass) (enquanto: a. ênfase na correlação intencional no contexto da lógica, b. extensão do conceito de intuição a toda tipologia básica de evidência, c. contraposição ao que é indireto, à mediação, à abreviação algorítmica). Mas justamente nesse criticar é que ele permanece ligado ao criticado; ele nunca se separa desses adversários, são eles que determinam, enquanto opositores, o perímetro da sua filosofia. Husserl não consegue se libertar do “problema das ciências”: a fundação das ciências como um dos principais interesses de sua filosofia; entretanto, ao perseguir esse objetivo, Husserl descobre a esfera “pré-científica” e, finalmente, a “consciência absoluta”, ao levar adiante um questionamento regressivo. Disso resulta a teoria “transcendental” da ciência, na qual todas as ciências mundanas estão incluídas.

43. A “pesquisa fenomenológica” metodologicamente paralisada = a simplicidade da falta de conceitos espelhada numa máxima, uma aversão fastidiosa ao conceito. – A essência do conceito é a concepção [*Begreifung*],⁸ i.e. o pôr, no sentido da posição [*Setzung*], de uma projeção que ilumina de modo originário.

44. Em que medida a tese (de Hegel), segundo a qual a filosofia consistiria sobretudo na “doação dos próprios conceitos”, representaria (em relação à fenomenologia de Husserl) algo inteiramente distinto de uma exigência prévia de crítica do conhecimento, mas também inteiramente distinto de um método da dúvida de tipo cartesiano, bem como de uma análise fenomenológica da origem de “conceitos”?

A doação de conceitos é o pôr [*Setzen*] do conceito de ente; certamente não sob a forma de uma representação subjetiva do ente, que não diz respeito ao ente em si, mas como a projeção dos conceitos ontológicos fundamentais que alicerçam toda e qualquer distinção entre o ente em si e sua representação subjetiva. A dúvida [*Zweifel*] pode, se levada muito adiante, significar um verdadeiro desespero [*Verzweiflung*] para o conceito, mas muitas vezes ela chega mesmo a ser só uma crítica da sensibilidade baseada no ceticismo antigo (embora sem preservar sua postura ontológica fundamental).

45. O caráter de abertura da fenomenologia de Husserl é tanto uma carência quanto uma vantagem: seria o índice de uma incapacidade sistemática ou de um manter-se livre para o sistema das coisas?

46. Diante pretensão de reformar a filosofia através dos métodos fenomenológicos de pesquisa, não dever-se-ia, antes, realizar uma reforma da própria pesquisa fenomenológica através da filosofia?

47. Ídolos da “pesquisa fenomenológica”: ídolo da ausência de pressuposições, ídolo da ausência de preconceitos, ídolo da doação imediata, ídolo do método da *epoché*, ídolo da antecedência do imanente, ídolo da ciência rigorosa, ídolo da fundação última.

48. Um preconceito descarado da descrição fenomenológica consiste na noção de uma simples doação anterior a todos os juízos intelectivos, como o fundamento pré-predicativo dos juízos expressos.

49. A fenomenologia de Husserl é, em sua postura, um fracasso diante da história, uma inaptidão para o conceito, um malogro da disposição de si mesma [*Selbstaufstellung*] da filosofia.

50. Em Husserl não há nenhuma projeção da filosofia enquanto tríplice disposição de si mesma (em relação ao problema, à modalidade do saber e à atitude existencial) – e, no entanto, expressa mesmo assim uma crítica à miséria filosófica dos nossos dias, que por vezes afunda até à objeção universal contra a multiplicidade incongruente dos sistemas.

⁷ Cf. Husserl, 2014, p. 33. (N.T.)

⁸ *Begreifung* é uma formação, não usual em alemão, feita a partir do verbo *begreifen*, que está na raiz da palavra *Begriff*, ou seja, “conceito”. O verbo *begreifen* é, em geral, traduzido como “compreender”, ou “apreender”. Nesse caso, optamos por traduzir *Begreifung* por “concepção” tanto para preservar a proximidade com a palavra “conceito”, quanto, e principalmente, para ressaltar a ideia de uma “criação”, uma “concepção”, implicitamente presente no termo criado por Fink, o qual expressa a ideia da criação de algo (novo) a partir de uma apreensão que é já compreensiva. (N.T.)



51. A ausência de pressuposições em Husserl é uma ideia formal, que ele então realiza como o regresso à facticidade originária do “ego cogito”, acreditando ter, assim, encontrado uma pressuposição definitiva e última para o ente em geral.

52. A postura negativa de Husserl em relação à ideia de um sistema da filosofia tem a sua razão de ser em sua concepção de “conceito” como algo derivado, fundado, referido à intuição.

53. A fenomenologia de Husserl teve início como uma divergência em relação ao primado do método (tal como na Escola de Marburg), adotando, não obstante, ela própria um método que desconsidera as argumentações metodológicas e as questões enigmáticas da crítica do conhecimento enquanto suposta apreensão imediata da plenitude da realidade dada. A polêmica de Husserl contra o “metodismo” tem um sentido completamente diferente daquela de Hegel: para Hegel, a própria objeção de Husserl seria ainda muito ingênua: coisalidade sem o conceito da coisa!

54. A imprecisa forma geral da pesquisa fenomenológica: nenhuma metodologia como postura gnoseológica artificialmente preparada, mas uma observação efetiva das coisas, imparcial, sem preconceitos; consentir à coisa mesma a primeira e última palavra; encontrar um acesso livre e sem desvios às coisas e segui-lo; uma descrição sem preconceitos das coisas, tal como elas se mostram justamente a este olhar, sem acréscimos nem omissões, sem explicação nem interpretação, no puro peso de sua realidade.

As coisas mesmas – poderia ser um imperativo da metafísica, entendido como a busca do ente autêntico e verdadeiro. Mas, no caso de Husserl: a solução da fenomenologia fala de uma virada não na direção do ente, mas na direção do objeto em sua dada doação [*gegebenen Gegebenheit*]; ou seja, [trata-se de] uma renúncia à metafísica que interpreta a si mesma como fome de realidade, fome da plenitude da realidade.

A qual forma do espírito corresponde este estágio da consciência? A alucinação de uma imediatidade, de um puro e simples registro de um ente que simplesmente jaz diante de nós, de uma coisa que se nos apresenta já pronta. A coisalidade das coisas não é discutida nem compreendida. Diz-se, por exemplo: os conceitos detêm a própria modalidade de doação imediata e puramente simples, eles são uma região dos objetos “de tipo ideal”, são fundados, etc.

55. Na *Lógica formal e transcendental* de Husserl a sobreposição típica de dois motivos é particularmente evidente: 1. o questionamento que parte da orientação-direta, de modo reflexivo, e vai até a vida subjetiva; 2. o questionamento que parte do mundo da ciência e vai até o mundo da vida e, a partir dali, até a constituição transcendental. A relação entre esses dois motivos está no fato de que o segundo se configura como uma repetição radicalizada do primeiro.

Um primeiro estágio da fenomenologia consiste na equalização de todas as evidências, no abandono do ideal normativo tradicional da evidência lógico-matemática. Retorno à consciência do objetivo que lhe é correlativa; o “anonimato da vida subjetiva” = uma modalidade negativa de atenção; a possibilidade de uma apreensão (percepção) reflexiva imediata da vida subjetiva = “fenomenologia estática”.

O segundo estágio: o entendimento que adentra a norma oculta de fundação das evidências através do retorno à história sedimentada e esquecida da formação do sentido, história esta que subjaz ao ser-objeto dos objetos sensoriais lógico-matemáticos = “fenomenologia genética”.

A fenomenologia genética de Husserl, no contexto do seu questionamento, deve ser claramente distinguida do notório problema do psicologismo: “origem da representação do espaço”, da “representação da coisa”, da “representação do tempo” e afins; de fato, o empirista psicólogo sempre pressupõe a existência daquilo cuja origem psicológica ele pretende pesquisar. Husserl suprime metodologicamente este “pressupor a existência” e, por um lado, supera (numa fantástica metafísica da subjetividade) o problema da psicologia, ainda que, por outro lado, permaneça preso a ele de forma sublimada.

56. Na maioria das apresentações sobre Husserl opta-se apenas por um dos três elementos de seu *milieu*, e isso altera seu ponto de partida a-histórico (no sentido da história da filosofia), que é, apesar de tudo, ele também histórica- e culturalmente determinado; por exemplo: a intencionalidade, o retorno ao dado, ou ainda a intuição de essências, ou o estilo cientificista. Mas é justamente a influência mútua de positivismo, psicologismo e cientificismo que constitui o hábito pré-filosófico da fenomenologia; assim p. ex. Husserl tem uma teoria positivista da intencionalidade (inclusive com elementos fortemente sensualistas), uma interpretação intencionalista da “doação”, uma teoria cientificista da intencionalidade. Todos os três elementos em mutação e transformação contínuas! A ideia da autodoação se transforma em “consciência originária”, e a seguir em constituição originária; a ideia de ciência passa pela conversão da ideia objetivista em uma ideia subjetivista da ciência; a ideia da intencionalidade se transforma em constituição. Na obra de Husserl, as recaídas nas posições iniciais e no raciocínio a elas correspondentes ocorrem repetidamente, precisamente como “recaídas”.



Referências

- Fink, E. (1957). *Zur ontologischen Frühgeschichte von Raum – Zeit – Bewegung*. Den Haag: Nijhoff.
- Fink, E. (1977). *Sein und Mensch: vom Wesen der ontologischen Erfahrung*. Freiburg / München: Alber.
- Fink, E. (1992). *Natur, Freiheit, Welt: Philosophie der Erziehung*. Würzburg: Königshausen & Neumann.
- Fink, E. (1994). *Philosophie des Geistes*. Würzburg: Königshausen und Neumann.
- Fink, E. (2006). *Phänomenologische Werkstatt Teilband 1. Die Doktorarbeit und erste Assistenzjahre bei Husserl (EFGA 3/1)*. Freiburg / München: Karl Alber.
- Fink, E. (2008). *Phänomenologische Werkstatt Teilband 2. Die Bernauer Zeitmanuskripte, Cartesianische Meditationen und System der phänomenologischen Philosophie (EFGA 3/2)*. Freiburg / München: Karl Alber.
- Fink, E. (2020). Sobre o problema da experiência ontológica. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 1/1, pp. 200-203.
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Trad. D. Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Husserl, E. (2014). *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*. Trad. M. Suzuki. São Paulo: Ideias & Letras.